

FESTAS PARA NÃO ESQUECER: LITERATURA E HISTÓRIA EM A FESTA, DE IVAN ÂNGELO E A FESTA DO BODE, DE MARIO VARGAS LLOSA

RAÍSSA CARDOSO AMARAL¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – issa.amaral@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta um recorte específico do projeto de dissertação em andamento que resultará na produção da Dissertação de Mestrado a ser defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, área de concentração em Literatura Comparada. A proposta investigativa consiste na análise da relação entre literatura e história nos romances *A Festa*, de Ivan Ângelo (1976), e *A Festa do Bode*, de Mario Vargas Llosa ([2000] 2011). Os romances retratam o período de exceção que ocorreu em países distintos: a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e a ditadura da Era Trujillo (1930-1961) na República Dominicana, respectivamente.

O romance *A Festa*, de Ivan Ângelo, foi publicado originalmente em 1976, ou seja, dentro do período histórico brasileiro que corresponde à ditadura civil-militar. Neste romance, experimentalismo estético e vivência histórica do autor se mesclam, afinal, o jornalista e escritor Ivan Ângelo não apenas vivenciou o doloroso período, mas publicou literatura não apenas sobre a ditadura, mas “na” ditadura.

Já o romance *A Festa do Bode*, do escritor peruano Mario Vargas Llosa, possui distanciamento histórico e não apresenta vivência histórica do escritor na ditadura da República Dominicana, comandada por Rafael Leonidas Trujillo Molina, de 1930 a 1961. Publicado no ano 2000, o romance resultou de intensa pesquisa histórica, como bem indica a contracapa da edição aqui utilizada, referente ao ano de 2009. Portanto, são romances que entrelaçam ficção e história, duas áreas que se complementam e dialogam entre si.

As “festas” analisadas neste resumo são consideradas metaficções historiográficas, termo cunhado por Linda Hutcheon em *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*: “romances que [...] são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos” (HUTCHEON, 1991, p. 21).

2. METODOLOGIA

A metodologia que viabiliza esta pesquisa é da área dos estudos comparados em literatura. Tania Franco Carvalhal já afirmava que se trata de “[...] uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto central, confronta-o com outras formas de expressão cultural” (CARVALHAL, 1991, p. 13). Desse modo, o diálogo entre literatura e história a partir da leitura crítica do *corpus* literário da pesquisa é fundamentado não apenas pela literatura comparada, mas também pela teoria da intertextualidade como memória da literatura (SAMOYAUULT, [2001] 2008) e pela teoria da transtextualidade (GENETTE, [1982] 2010) definida, de modo amplo, como “tudo aquilo que coloca

[o texto] em relação manifesta ou secreta com outros textos” (GENETTE, 2010, p. 13).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo geral da pesquisa, como já foi dito, é explorar a relação entre literatura e história nos romances. Devido ao espaço de discussão do resumo, o foco será a análise dos títulos dos dois romances, por isso será utilizado o conceito de paratextualidade. Para Genette ([1982] 2010), a paratextualidade consiste na relação geralmente menos explícita que, tendo em vista a totalidade da obra, o texto propriamente dito estabelece com outros elementos como, por exemplo, título, subtítulo, prefácio, posfácio, epígrafes, capa e outros tipos de sinais acessórios que circundam a obra literária.

Na leitura do romance *A Festa*, de Ivan Ângelo, o leitor já se depara, na ficha catalográfica, com a definição de um gênero híbrido, pois será lido um Romance: contos. O conceito de architextualidade, cunhado por Genette ([1982] 2010), define architexto como a articulação entre elementos comuns pertencentes a gêneros literários ou um estilo literário, por exemplo. N’*A Festa*, de Ivan Ângelo, o experimentalismo estético saiu da zona do “miolo” do texto ficcional e invadiu até a definição estanque dos gêneros literários. O texto não é dividido por capítulos numerados, mas por nove blocos, sendo que o último, intitulado “Depois da festa”, é visualmente modificado, pois possui folhas azuis, algo que se perdeu nas edições mais recentes.

O título *A Festa* – paratexto definido para a análise – é visivelmente irônico. Em uma primeira leitura, a festa seria o planejamento do aniversário do pintor Roberto, integrante da classe social mais elevada, mas é a data do aniversário dele (31 de março de 1970) que coincide com o “aniversário” do período ditatorial. A ditadura civil-militar brasileira foi instaurada em 01 de abril de 1964, mas devido à referência cultural de primeiro de abril ser considerado o “dia dos bobos”, as pessoas condizentes com o governo militar gostavam de alterar a data para 31 de março: “(Anotações do escritor): Todos os contos devem ter uma data, explícita ou implícita. O ano da festa é 1970. [...]” (ÂNGELO, 1976, p. 108, grifos do autor).

Aliás, no Romance: contos de Ivan Ângelo há a omissão do que ocorreu durante a festa de Roberto: os dois últimos capítulos do livro são denominados “Antes da festa” e “Depois da festa”, este último com um índice das personagens “[...] sobre o destino das que estavam vivas durante os acontecimentos da noite de 30 de março” (ÂNGELO, 1976, p. 149). É no final do livro, neste índice remissivo do destino das personagens que o leitor descobre o que ocorreu na festa de aniversário de Roberto no ano seguinte, 1971: um grupo de trinta rapazes invadiu a festa: “Quem tentava fugir era espancado na porta por um grupo que formava uma parede. [...] Soou um apito e todos juntos largaram suas vítimas e desapareceram pela porta, compactos, poderosos. Foi a última festa” (ÂNGELO, 1976, p.193). A descrição é de violência generalizada e há toda uma construção textual para mostrar ao leitor que independente da classe social, os tentáculos da ditadura saíam do espaço público e adentravam o espaço privado.

Já o romance *A Festa do Bode* contextualiza o período da Era Trujillo (1930-1961) na República Dominicana de uma forma que muitos documentos históricos não o fariam e isto causa certo desconforto no leitor comum, pois não sabe se o que está lendo pertence ao campo da ficção ou da história. O romance é dividido em eixos narrativos (eixo de Urania, eixo de Trujillo e eixo dos revolucionários que planejam o assassinato do ditador), mas Mario Vargas Llosa já teve que justificar,

em entrevistas, que o eixo de Urania é ficção: “Urania para mí es un personaje muy conmovedor. Es un personaje que yo inventé [...]” (LLOSA *apud* ALIE, 2003).

Como já foi exposto, é a leitura paratextual do título do romance de Mario Vargas Llosa que merece atenção neste resumo. A primeira leitura interpretativa está disponível em outro paratexto: na epígrafe “O povo festeja com grande entusiasmo a Festa do Bode em trinta de maio” *Mataram o Bode* – merengue dominicano, ou seja, alusão à festa histórica da morte do “Bode” (um dos apelidos do ditador Trujillo), em trinta de maio de 1961.

Por outro lado, é a história pessoal da personagem Urania uma das leituras interpretativas mais sintomáticas em relação ao título. Somente nos últimos capítulos do eixo de Urania o leitor confirma aquilo que pistas da narração de Urania já havia apontado em outros capítulos: Urania foi estuprada aos treze anos pelo mantenedor do regime, o ditador Trujillo. É o trauma dessa lembrança que não se apaga que faz com que Urania permaneça trinta e cinco anos sem contato não só com os familiares, mas com Santo Domingo (realiza uma espécie de autoexílio existencial nos Estados Unidos).

O retorno a Santo Domingo ocorre quando o pai está morto em vida (devido a um derrame) e Urania o confronta com o pesadelo que a atormenta por culpa dele, afinal, foi ele que entregou Urania como uma oferenda viva para Trujillo. Influenciado por Manuel Alfonso, o homem que aliciava meninas e mulheres para Trujillo, Agustín Cabral (o pai de Urania) é convencido de que Trujillo iria gostar de ser “presenteado” com a virgindade de Urania e isto faria com que ele voltasse a trabalhar para a ditadura trujillista. Desse modo, Agustín inventa para Urania que apenas ela havia sido convidada para uma festa de Trujillo. Na época, Urania aceita este convite esquisito para a tal festa que seu pai não havia sido convidado, pois era inocente, não percebeu a maldade por trás das mentiras inventadas pelo pai. Quando rememora os fatos, Urania mistura tempo presente e passado, pois o trauma é revivido intensamente: “– Quem mais convidaram para essa festa? – Olha para tia Adelina, Lucindita e Manolita: – Só para ver o que ele [Manuel Alfonso] respondia. Eu já sabia que não íamos a festa nenhuma” (LLOSA, 2011, p. 431).

Sob o viés da intertextualidade entre os romances, os significados ocultos por trás do sentido de “festa” coincidem, de certa forma, nos dois romances: há violência, sangue e sofrimento por trás da “fachada” de festa. Tiphaine Samoyault em *A Intertextualidade* ([2001] 2008) expõe a sua tese da intertextualidade como memória da literatura e propõe “[...] uma poética dos textos em movimento” (SAMOYULT, 2008, p. 11). Na escrita literária, a intertextualidade não nos apresenta um percurso histórico linear, mas uma memória em que, dependendo da bagagem cultural do leitor, torna-se possível ligações de múltiplos textos e, assim, a natureza do tempo na intertextualidade resulta como trans-histórica: “[...] a intertextualidade não data; ela não dispõe o passado da literatura, segundo a ordem sucessiva de uma história, mas como uma memória” (SAMOYULT, 2008, p. 95).

4. CONCLUSÕES

A literatura, como sabemos, trabalha com a ideia de verossimilhança, isto é, se assemelha com o real (compromisso evidente com a ficção) enquanto a história trabalha textualmente com a noção de verdade. É discutível pensar em apenas uma versão da verdade, já que cada fato pode possuir diversas versões,

dependendo das fontes documentais utilizadas ou até mesmo do posicionamento ideológico do narrador.

Nesse sentido, Linda Hutcheon postula o seguinte: “O que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado [...]” (HUTCHEON, 1991, p. 122). Portanto, a literatura passa a ser vista como uma das várias possibilidades de representações do real e é tão paradoxal justamente por não ter compromisso nenhum com a realidade.

Ao realizar a leitura paratextual dos títulos dos romances, a relação entre literatura e história se demonstra plena, afinal, o significado de festa é exposto de uma forma alegórica: ao invés de alegria e comemoração, temos interpretações que coincidem com a representação do que as ditaduras que ocorreram na América Latina são capazes de deixar de legado: sangue, dor e traumas. Momentos históricos extremos, como é o caso de um período ditatorial, são eternizados não apenas nos documentos históricos, mas pela literatura. É o registro – seja ele textual, literário, imagético, entre outros – que relembra o quanto momentos como esses não podem ser esquecidos, para que não se repitam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIE, M. E. L. E. Transgresión y Sacrificio de Urania Cabral en *La fiesta del chivo* de MVLL. In: **Espéculo. Revista de estudios literarios**, n. 24. Universidad Complutense de Madrid, 2003. Acessado em 05 jun. 2015. Online. Disponível em: <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero24/chivo.html>

ÂNGELO, I. **A Festa**. São Paulo: Vertente Editora Ltda, 1976.

CARVALHAL, T. F. Literatura Comparada: A estratégia interdisciplinar. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v.1, n.1, Niterói: Abralic, p. 09-21, 1991.

GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês *Palimpsestes: la littérature au second degré* [1982]. Belo Horizonte: Edições Viva Voz/UFMG, 2010.

HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LLOSA, M. V. **A Festa do Bode**. [Título original: *La Fiesta del Chivo*, 2000] Rio de Janeiro: Editora Objetiva/Alfaguara, 2011.

SAMOYAUULT, T. **A Intertextualidade**. Título original: *L'Intertextualité: mémoire de la littérature* [2001]. Tradução de Sandra Nittrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.